

# Novo fôlego nas escolas

por Ivana Doro  
de São Paulo

"Agora vamos poder respirar e nos recuperar." Com esta frase, Mauro de Salles Aguiar, diretor administrativo financeiro do Colégio Bandeirantes resumiu a sensação de alívio que tomou conta das escolas particulares desde quarta-feira, quando o Conselho Estadual de Educação (CEE) aprovou a liberação das mensalidades desses estabelecimentos.

"Trabalhamos um ano com prejuízo e poderíamos trabalhar ainda outro ano dessa forma, mas aí seria inevitável fechar o colégio", diz Aguiar. O Bandeirantes — que possui 3,4 mil alunos matriculados — encerrou 1986 com uma dívida de CZ\$ 6 milhões, equivalente a um quinto de sua

receita operacional, de CZ\$ 30 milhões. "No segundo semestre, nos encontrávamos diante de duas possibilidades: ou baixar o nível do ensino, ou pedir empréstimos aos bancos. E optamos pela segunda possibilidade", afirma Aguiar.

"Sobrevivemos pedindo empréstimos da ordem de 30% da nossa receita e fechamos o ano no vermelho", conta Marie Elizabeth Zocchio, proprietária e diretora da Pueri Domus Escola Experimental Ltda. "Claro que pensei em fechar a escola", diz.

"Optamos por pedir doações aos pais para manter a escola funcionando", lembra Luiz Eduardo Magalhães, vice-presidente do Colégio Santa Cruz. As doações — de CZ\$ 1,8 mil por aluno — foram pedidas por volta de setembro passado e contaram com a adesão de 70% dos pais dos 1,8 mil alunos da escola, revertendo para benefício de todos.

Desde a decisão do CEE — que, no entanto, ainda deve ser homologada pela

Secretaria Estadual de Educação para ser efetivada — os diretores das escolas sentem que o setor recuperou o fôlego. Segundo foi decidido, esses estabelecimentos têm que encaminhar uma planilha de custos ao CEE, que então concederá os reajustes de mensalidades condizentes.

A situação chegou, ao fim de 1986, a um ponto crítico, concordam as fontes consultadas. De um lado, os colégios estavam com suas mensalidades congeladas. De outro, os professores, responsáveis pelo alto nível do ensino que constitui o trunfo das escolas particulares, começavam a abandonar, em escala considerável, a profissão.

"Durante o ano passado, mais de 20% dos nossos cem professores decidiram dedicar-se a outras atividades", conta Aguiar.

Um professor de segundo grau trabalhando quarenta horas semanais ganhava, em média, CZ\$ 10 mil — isto depois do aumento de

55% autorizado pelo governo em março de 1986.

"Agora vai ser possível conceder pelo menos os 100% de aumento que os professores estão pedindo", adianta Aguiar. "Vamos aguardar o desenrolar das negociações intersindicais para decidir sobre o aumento salarial e o ajuste correspondente das mensalidades", diz Magalhães.

Sem vislumbrar uma solução para as dificuldades enfrentadas em 1986, a Pueri Domus optou, no fim do ano, por aumentar a capacidade da escola, abrindo seis novas turmas. Hoje existem 5,9 mil alunos matriculados, novecentos a mais do que no ano passado. "Foi a saída que encontramos para aumentar a nossa receita", diz Zocchio.

A possibilidade da saída dos alunos dos colégios particulares em consequência dos aumentos de mensalidades não preocupa os diretores das escolas. "Os aumentos serão razoáveis", garante Aguiar.